

É BOM MORAR AQUI

João Pitella Jr.
Da equipe do Correio

“Mas gente, quanto cabelo!”. No pequeno quarto em que vai morar nos fundos de uma casa da Ceilândia, Aline Clemente dos Santos, nascida na terça-feira, foi recebida ontem com entusiasmo pela avó, dona Idalina, e pelos pais, Adão Pereira dos Santos, de 27 anos, e Ecilene Clemente, de 19. Pesando três quilos e 380 gramas, ela está com a saúde perfeita. E, se depender da estimativa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), terá uma das maiores esperanças de vida — 68 anos — entre as crianças brasileiras, já que nasceu no Distrito Federal. Em Alagoas, a esperança de vida para os nascidos agora é de apenas 61 anos. A média do país é de 67 anos.

Segundo o relatório divulgado pelo PNUD, Brasília também aparece com destaque em outros pontos do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), um estudo que é feito desde 1990 no mundo e desde 1996 no Brasil. O Distrito Federal é o campeão brasileiro na taxa de alfabetização de adultos (93,71%) e na distribuição *per capita* do Produto Interno Bruto (PIB); e o terceiro colocado na taxa de matrícula nos três níveis de ensino (83,23%, atrás apenas de Tocantins e do Amapá).

Em 1991, a esperança de vida dos brasilienses ao nascerem era menor do que hoje: 67 anos. A taxa de alfabetização de adultos também era menor: 91,3%. A taxa de matrícula nos três níveis de ensino era de 75,8%, ou seja, quase oito pontos percentuais a menos do que hoje.

A renda *per capita* do Distrito Federal, de 6,5 mil dólares, é hoje maior do que a de São Paulo. O

Brasil está entre os 64 países com mais alto índice de desenvolvimento humano, ocupando o 62º lugar.

Para chegar a essas conclusões, o PNUD avaliou itens como a esperança de vida ao nascer, a taxa de mortalidade infantil, a taxa de alfabetismo, o número médio de anos de estudo da população, a renda familiar *per capita* e a percentagem de crianças que freqüentam a escola e que trabalham.

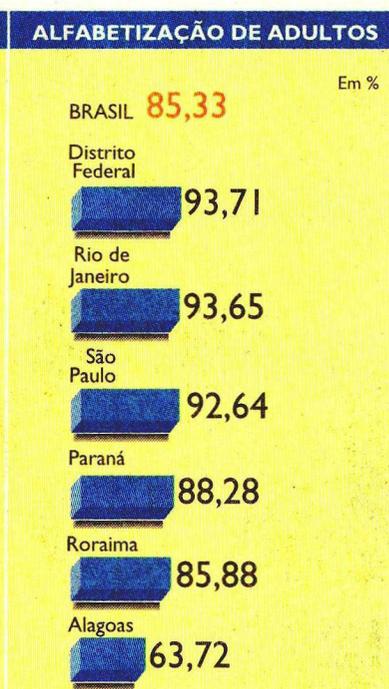
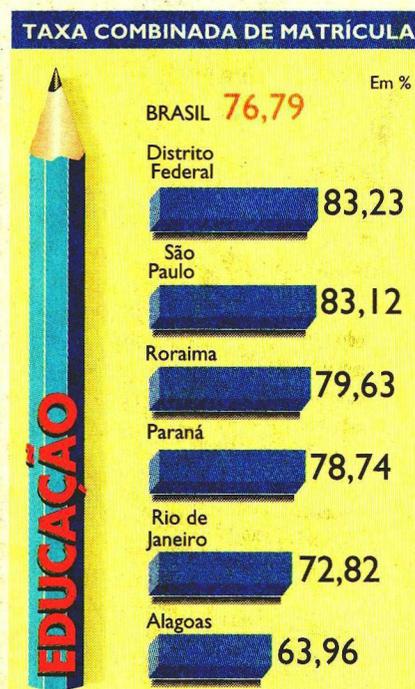
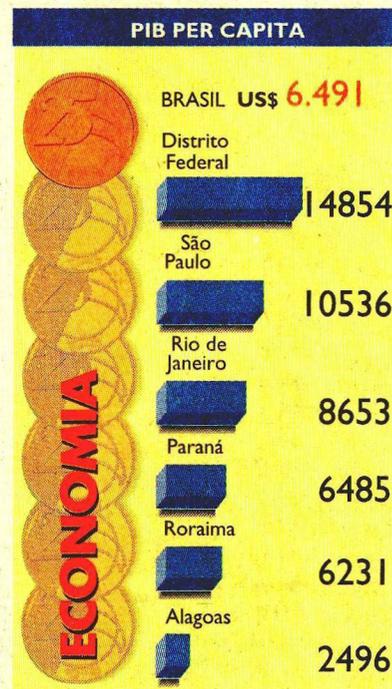
Os bons índices obtidos por Brasília passam longe da realidade dos pais de Aline, que estão desempregados. Como precisam pagar um aluguel de R\$ 160 pelo quarto, ainda nem puderam comprar roupas e mamadeiras para o seu primeiro bebê. Adão só conseguiu estudar até o 1º ano do 2º grau, pois precisou deixar o colégio para trabalhar, há nove anos, e não voltou mais.

Desde que largou a escola, Adão já trabalhou como cozinheiro, contínuo, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de laboratório, recepcionista, secretário e marceneiro.

Há dois meses parado, ele só vai receber mais duas parcelas do seguro-desemprego, de R\$ 230, e depois não sabe o que vai fazer para ganhar a vida. Ecilene, que era empregada doméstica, também está sem emprego.

Apesar das dificuldades pessoais, Adão reconhece o bom padrão de vida de Brasília: “Aqui é melhor para conseguir emprego. Como é a capital, fica mais fácil estudar e passar num concurso público. Tenho esperanças de criar a minha filha com muita saúde”.

Colaborou Taís Braga



Acácio Pinheiro



Adão e Ecilene estão desempregados, mas acreditam que viver no DF é melhor

De espera em espera

A vida de Adão Pereira dos Santos começou a se complicar em 1993, quando largou um emprego que tinha há cinco anos, numa empresa jornalística. Sonhando com a independência financeira, ele montou uma oficina de marcenaria. Mas teve que fechar o negócio, logo em seguida, porque o terreno pertencia à mãe da sua primeira mulher, de quem acabou se separando.

“Eu ainda não estava pronto para a vida naquela época”, reconhece. Foi o início da peregrinação em busca de trabalho. “A gente só consegue emprego quando é indicado por alguém. Se não for assim, você entra em filas, preenche fichas e não é chamado nunca”, lamenta.

Novos filhos, só quando a situa-

ção estiver mais confortável. Ele não quer seguir o exemplo dos pais, que são do Piauí e, assim como os pais de Ecilene, que é maranhense de Imperatriz, tiveram 10 filhos. “Lá no Nordeste o povo não tem tevê e gasta o tempo fazendo crianças”, brinca Adão, que tem uma antiga e pequena tevê em cores, além de um aparelho de som, uma pilha de fitas-cassete e CDs de músicas evangélicas.

O Piauí e o Maranhão, estados onde nasceram Adão e Ecilene, aparecem na lista do PNUD entre os estados com menores esperanças de vida: 64 e 63 anos, respectivamente. O maior índice está em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (70 anos). (JJ)